

## SOCIEDADE

# Transmissão social explica metade das infeções no Algarve

Estudo apresentado na reunião do Infarmed mostra que peso do factor social no contágio na região do Algarve vale mais do dobro do observado em Lisboa e Vale do Tejo

**Covid-19**  
Marta Moitinho Oliveira

O Algarve tem sido notícia por causa das festas nas ruas, apesar das restrições impostas pela pandemia, e um estudo apresentado na reunião do Infarmed de quarta-feira vem colocar um número na relação entre a propagação do vírus e o factor social. Nesta região, metade dos casos de infeção registados entre 23 de Junho e 5 de Julho resultaram de transmissão por via social, mais do dobro do que acontece no conjunto do país, onde esta causa originou 23% dos casos.

O estudo *Situação Epidemiológica da Covid-19 Nacional e da Administração Regional de Saúde (ARS) – Lisboa e Vale do Tejo (LVT)* foi produzido pela Direcção de Serviços de Informação e Análise da Direcção-Geral da Saúde (DGS) e foi um dos que foram apresentados na última reunião do Infarmed.

Os peritos analisaram a distribuição proporcional dos casos entre 23 de Junho e 5 de Julho por vias de transmissão para 1776 casos válidos. “A nível nacional, a via de transmissão mais frequente é por coabitante”, lê-se no estudo, com este factor a assumir 39% da responsabilidade pelos casos no total do país. Esta é também a tendência por regiões (analisadas por ARS), excepto no caso do Algarve, onde o principal motivo para os casos registados é social, com um peso de 50%.

Ainda na terça-feira, a GNR levantou mais de duas dezenas de autos de contra-ordenação a grupos de jovens holandeses pelo consumo de bebidas alcoólicas na via pública. Centenas de estudantes encheram durante o fim-de-semana os bares de Oura-Albufeira.

O trabalho dos técnicos de saúde foi feito através da análise dos casos com ligação epidemiológica, deixando de fora aqueles onde não foi estabelecida essa conexão (e que representam 18% no caso do total nacional).

Em Lisboa e Vale do Tejo, onde o factor social pesa 19%, a coabitação assume-se como o motor da transmissão (40%). Estes números acontecem numa altura em que a Área Metropolitana de Lisboa (AML) tem regras mais apertadas nos ajuntamentos, com 19 freguesias ainda em situação de calamidade.

No entanto, o factor social preocupa cada vez mais os técnicos, que falam de um “aumento da relevância da transmissão social, em todas as regiões do país”. A ida aos serviços de saúde apresentou um contributo mínimo para os casos registados, a variar entre 0%, no Alentejo, e 3%, no Norte e Centro.

O país começou a desconfinar no início de Maio e de lá para cá o que se chamou regresso à normalidade tem tido avanços graduais. Mas também recuos, como aconteceu na AML. Este caminho tem gerado junto das pessoas uma ideia sobre como será daqui em diante: a de que são mais as dúvidas do que as certezas.

Há três semanas seguidas que a percentagem de pessoas inquiridas, no âmbito do estudo da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) sobre a percepção social, que não sabe quando a vida volta ao normal (medida pela percepção de tempo), é superior a 40%. Se juntarmos as estas as que pensam que vamos precisar de mais de três meses, essa percentagem fica acima de 80% nas últimas duas semanas. Apesar desta incerteza em torno do regresso à normalidade, o mesmo estudo adianta que há mais confiança na ida às consultas médicas entre os que precisaram de o fazer, mas os dados mais recentes (referentes à 15.ª semana) mostram que cerca de 10% das pessoas que precisaram de ir a uma consulta não foram porque a mesma foi desmarcada. Ao fim de um mês de confinamento, esta percentagem rondava os 38%.

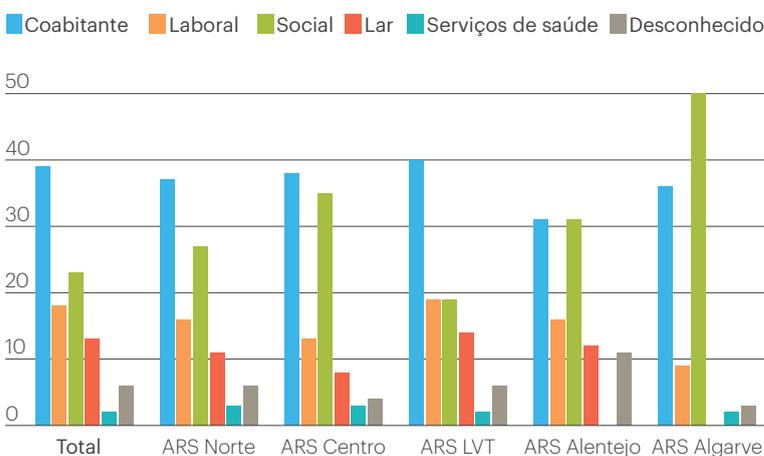
Também na ida às urgências, os portugueses revelam-se mais confiantes durante o último mês, mas 20% dos que precisaram de fazer



Nos últimos dias, têm surgido notícias de grupos de jovens holandeses apanhados a consumir álcool na via pública

### Casos com ligação epidemiológica

Em %



Fonte: DGS

esta deslocação acabaram por decidir não ir. O estudo concluiu que está por recuperar 20% da confiança na ida às urgências.

### Imigrantes mais vulneráveis

Outro dos estudos apresentados na reunião de quarta-feira no Infarmed revelava que a percentagem de casos covid-19 entre os imigrantes no distrito de Lisboa é de 23,4%, enquanto no distrito do Porto é de 15,7%. Os números, aos quais o PÚBLICO teve acesso, referem-se ao período compreendido entre 1 de Junho e 5 de Julho.

De acordo com os dados apresentados, a população de nacionalidade portuguesa, no distrito de Lisboa, representa 93,1%, enquanto a não portuguesa se situa nos 6,9%. Já os casos de covid-19 registados repre-

### 13 mortes na mesma região

Portugal registou ontem mais 13 mortes, o maior aumento diário desde 1 de Junho. Ocorreram todas na região de Lisboa e Vale do Tejo. Registaram-se 418 novos casos de infecção (mais 0,9% que no dia anterior). Dos novos casos, 328 (78,5%) foram identificados em Lisboa e Vale do Tejo

### Situação em Portugal

Em 9 de Julho às 13h30



### Carrosséis abrem

Equipamentos de diversão e similares, os chamados carrosséis, vão poder reabrir desde que obedeçam a regras sanitárias e de segurança definidas pela Direcção-Geral da Saúde. De fora desta medida, fica toda a Área Metropolitana de Lisboa

## Segunda baixa na DGS em poucos dias

A directora de Serviços de Informação e Análise da Direcção-Geral da Saúde (DGS), Graça Lima, saiu do cargo depois de ter estado um período de baixa médica. O pedido de cessação de funções produziu efeitos desde o passado dia 23 de Junho. Em poucos dias, a DGS perdeu duas das suas figuras-chave no combate à pandemia, já que a chefe de Divisão de Epidemiologia e Estatística daquele organismo, Rita Sá Machado, também abandonou funções para integrar a equipa da Missão Permanente de Portugal junto dos Organismos e Organizações Internacionais das Nações Unidas, em Genebra.

Recusando que esta saída possa decorrer de divergências quanto à definição das principais linhas de combate à pandemia, a DGS garante que a transição de Rita Sá Machado foi programada. Tanto que foi já assegurada a designação “em regime de substituição” de Luís Carlos Silva Guedes para o lugar de chefe de Divisão de Epidemiologia e Estatística da DGS, conforme foi publicado ontem em *Diário da República*. Entretanto, foi também já aberto um concurso destinado a assegurar uma nomeação permanente para aquele lugar.

Quanto ao lugar deixado vago por Graça Lima na Direcção dos Serviços de Informação e Análise da DGS, vai por enquanto ser ocupado por Inês Santos Estevinho Fronteira, conforme decorre do despacho publicado esta quinta-feira em *Diário da República*, não tendo o despacho para abertura do respectivo concurso sido ainda publicado. Inês Fronteira já representou a DGS na reunião de quinta-feira no Infarmed.

Ana Maia

## Cinco concelhos de Lisboa e Vale do Tejo concentram 61% dos doentes em vigilância

### Ana Maia

Os dados a que o PÚBLICO teve acesso foram apresentados esta quarta-feira, na reunião do Infarmed, e reportam-se ao dia 7 de Julho. Nesse dia, na região de Lisboa e Vale do Tejo (LVT), estavam em vigilância por parte da saúde pública 9123 doentes covid. Destes, cerca de 61% estão nos cinco concelhos mais afectados pela pandemia: Lisboa, Sintra, Amadora, Loures e Odivelas. Apesar de continuarem a ser os concelhos que mais casos positivos registam na região, os peritos salientaram a existência de um “aparente padrão decrescente da doença”.

Este aparente decréscimo pode ser visto como um sinal positivo das medidas que foram tomadas para estes cinco concelhos, mas ainda é cedo para tirar conclusões definitivas. Para já, mantém-se o estado de calamidade em 19 freguesias, a par do reforço que foi feito na área da saúde pública, com um acréscimo de 40% de profissionais, e com a criação de 18 equipas mistas, que juntam saúde a elementos da protecção civil municipal, Segurança Social e autoridades policiais para no terreno assegurar que o isolamento obrigatório está a ser cumprido e realizar acções de sensibilização. Entre 30 de Junho e 3 de Julho, entrevistaram junto de 1641 pessoas.

De acordo com os dados apresentados, além de concentrar cerca de 61% dos doentes em vigilância - 5537 de 9123 doentes covid -, estes cinco concelhos também concentravam a maioria das pessoas em vigilância activa e passiva - 11.374 de 15.752 pessoas - e das pessoas em isolamento - 13.929 de 20.973 pessoas. É Sintra que concentra a maioria das pessoas em vigilância activa e passiva e pessoas em isolamento e que tem o segundo maior número de doentes em vigilância (1562), logo atrás de Lisboa (concelho), com 1574. A Amadora é o que tem menos doentes em vigilância: 882.

Sem indicação de data, há ainda

referência à existência de 49 surtos nestes cinco concelhos, a que se junta Oeiras (o agrupamento de centros de saúde é comum, tal como acontece com os concelhos de Odivelas e Loures), a que estão associados pouco mais de mil casos positivos.

A reunião foi também de balanço ao que está a ser feito nestas zonas. Foi transmitido aos políticos que já houve um reforço de 40% nos recursos humanos das equipas de saúde pública, que passaram de 421 profissionais para 589. Este reforço - sobretudo para a realização de inquéritos e vigilância - foi feito em várias áreas profissionais, com mais 30 médicos e 13 internos e 76 enfermeiros.

O Ministério da Saúde anunciou nas últimas semanas um reforço de 150 profissionais a serem colocados de forma faseada. Na última comissão parlamentar de saúde, a ministra Marta Temido anunciou a contratação de 30 recém-especialistas no próximo mês. Força de trabalho que o presidente da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública, Ricardo Mexia, lembrou não ser um adicional, uma vez que estes médicos já estão em funções como internos.

Foi igualmente transmitido que os inquéritos epidemiológicos estão a ser feitos em 24 horas após a notificação às autoridades de saúde. Mantém-

se uma dificuldade, que o coordenador do gabinete de intervenção para a supressão da covid-19 em LVT, Rui Portugal, já tinha referido em entrevista ao PÚBLICO: ainda há doentes que não se consegue contactar. No dia 6 de Julho, foram 87.

Os peritos fizeram uma caracterização dos novos casos registados em LVT, entre 23 de Junho e 5 de Julho, com base em 3492 casos (80%). Concluíram que 72% ocorreram na área metropolitana de Lisboa, 54% são homens e 52% têm entre 20 e 49 anos. 92% estavam a ser seguidos em ambulatório, 31% estavam assintomáticos e 32% tinham outras doenças. Quanto à distribuição por concelhos, 15% foram em Sintra, 12% em Lisboa, 9% em Loures e na Amadora e 6% em Odivelas. Vila Franca de Xira registou 4%, Cascais e Oeiras 3% dos casos.

Sobre a capacidade de internamento, no início da semana, estavam alocadas 580 camas em enfermaria para covid, das quais 356 estavam ocupadas, com todas as unidades a apresentarem uma folga. Quanto a camas em cuidados intensivos, das 102 alocadas à covid, 60 tinham doentes. No dia 7 de Julho, o Amadora-Sintra era o único que registava lotação máxima: tinha as dez camas ocupadas.

amaia@publico.pt



blica em Albufeira

sentam 76,6% entre as pessoas de nacionalidade portuguesa e 23,4% entre os imigrantes. O estudo específica os dados por Europa, África, América e Ásia e, no caso do distrito de Lisboa, a maior percentagem, entre a população não portuguesa, é a referente a África (13,9%).

No distrito do Porto, a percentagem da população de nacionalidade portuguesa é de 98,7% e a não portuguesa de 1,3%. Os casos de covid-19 representam 84,3% entre as pessoas de nacionalidade portuguesa e 15,7% entre a população não portuguesa. No caso do Porto, a maior percentagem, entre a população não portuguesa, situa-se nos 9,4% e refere-se à América. **com Maria João Lopes**

marta.oliveira@publico.pt



Amajoria dos infectados na região são homens entre 20 e 49 anos